



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

[www.assis.unesp.br/miscelanea](http://www.assis.unesp.br/miscelanea)

*Miscelânea*, Assis, vol.7, jan./jun.2010



### NOVOS NORTES PARA A LITERATURA PORTUGUESA

Mônica Sant'Anna

(Doutoranda — Universidade de Santiago de Compostela)

MUNIZ, Márcio. & SEIDEL, Roberto. (Org.) *Novos nortes para a literatura portuguesa*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/BA: Programa de Pós-Graduação em Literatura, 2007.

O livro *Novos nortes para a literatura portuguesa*, editado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia (Brasil), vem, sem querer fazer trocadilho, a ser um norte para as pessoas que trabalham na área do ensino de Literatura Portuguesa, uma vez que são narradas experiências de sala de aula, como também a maneira como determinados textos/autores portugueses são tratados na tarefa do ensino de Literatura Portuguesa num entorno brasileiro.

Este livro é o “registro” do I Encontro Norte/Nordeste de Professores/Pesquisadores de Literatura Portuguesa (I ENPLP), realizado em Feira de Santana, no período de 27 a 29/10/2006. Um encontro que teve o propósito principal de reunir profissionais e estudantes de oito estados da Federação, envolvidos nos diversos níveis acadêmicos — da Iniciação Científica

à Pós Graduação *Strictu Sensu*, provenientes de Instituições de Ensino Superior, privadas e públicas, assim como também de Ensino Secundário.

Não se pode deixar de destacar que este evento é também fruto de um esforço do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana, mais especificamente o Programa de Pós-Graduação — *Strictu Sensu* — em Literatura e Diversidade Cultural. Este Programa é responsável também por outras publicações como: a *Coleção literatura e diversidade cultural*, publicação que já conta com dez números (iniciada em 2000); *Cadernos de literatura e diversidade cultural*, publicação semestral, que encontra-se no número 6 (iniciada em 2002); Revista Léguas e Meia, (iniciada em 2002) que também trata de temas relacionados com a diversidade cultural e a *Revista Labirintos (on line)*, que aborda temas relacionados com a Literatura e a Cultura Portuguesa.

Cabe também lembrar que os organizadores deste livro pertencem a este mesmo Programa de Pós-Graduação e têm uma ampla experiência no âmbito investigativo. Marcio Muniz é Professor Doutor em Literatura pela USP, Professor de Literatura Portuguesa na Universidade federal da Bahia (UFBA) e professor Colaborador na Universidade Estadual de Feira de Santana e atualmente é o Presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa. Já Roberto Seidel é Doutor em Estudos Literários e Culturais pela Universidade Federal de Pernambuco, atua na área estudos Culturais, sendo o Coordenado do Núcleo de Estudos Canadenses da referida Universidade. Ambos têm significativa participação em congressos assim como publicações individuais e coletivas.

Dividido em seis partes, sendo a primeira "Olhares experientes sobre Leitura, Ensino e Literatura", como o título indica, destaca experiências de Professores. O ensaio de abertura, "Para não dizer que não falei de Flores Portuguesas", da Professora aposentada, da UNEFS, Maria Theresa Abelha Alves, relata uma experiência significativa, entre tantas de sua vida profissional, com uma turma de iniciação no Curso de Letras. Não deixa de destacar as diferenças vocabulares "desde o seu tempo" até os dias atuais e,

principalmente, destaca os (des)caminhos que uma turma pode levar, relevando que nem sempre um conteúdo programático é a prioridade, quando os problemas de convivência falam mais alto.

A experiência relatada, de uma turma com quinze alunas evangélicas que marginalizavam uma outra que professava o candomblé,<sup>1</sup> o que fez com que a professora buscasse, nos clássicos (Platão, Petrarca, Ovídio, Camões, Santo Agostinho, Espinosa, a Bíblia), alternativas para aguçar o olhar crítico das alunas — sobre textos diversos, sobre situações, comportamentos sociais e, principalmente, sobre questões religiosas, mas sem tocar diretamente neste tema, pois “o leitor põe intenções na leitura, segundo suas expectativas ideológicas e seu quadro referencial” (p. 19). Também afirma que: “Ensinar é fazer desviar o olhar. Educa-se o olhar para que se veja o que está latente no aprendiz” (p. 21).

Assim, ao desviar o caminho de um conteúdo programático de Literatura Portuguesa para “aulas de leitura”, não basicamente de textos portugueses, mas de textos filosóficos, sobretudo, e fazer a provocação: como dar sentido a textos diversos, como pensar um texto e, mais ainda, pensar a compreensão de que “a universidade é espaço de conjunção em que a unidade se dispersa no diverso, maneira perfeita e única [...] de vencer a barbárie, [...] de compreender que um mesmo fato pode ser lido de diferentes maneiras, pois cada um vai ler segundo suas próprias opiniões” (p. 24). Enfim, a Professora Maria Theresa possibilitou às quinze alunas evangélicas o sabor e o saber de leituras, do mundo e de si, e, também deixou bem nítido que a literatura desperta a liberdade, amplia horizontes, faz voar.

Ainda nesta primeira parte, o ensaio do Professor de Literatura Portuguesa na USP, Paulo Motta Oliveira: “Literatura Portuguesa e Ensino: o Oitocentos” destaca a preocupação sobre a educação feminina nos séculos

---

<sup>1</sup> Note-se que, mesmo diante de uma diversidade cultural e religiosa tão grande como a existente no Brasil, ainda persiste o preconceito, talvez pelo desconhecimento, em relação ao candomblé – religião com suas origens africanas e com significativo número de adeptos na Bahia, primeiro local que recebeu o povo africano. Algumas das características dessa religião é o contato com a natureza e com as entidades espirituais africanas – o que pode resultar estranho para alguns.

XVIII e XIX e usa como referência algumas obras de Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós. Do primeiro, *Da educação*, de 1829, destaca a afirmação sobre uma educação diferenciada para homens e mulheres: “[...] porque a sociedade, para a qual nos criou a natureza e fora da qual não podemos viver, exige uma atividade e quantidade de serviços com que a mulher não pode porque essencialmente foi moldada pela natureza para mãe” (p. 33). Ressalta a “invisibilidade” cultural e social da mulher portuguesa de então.

Já do segundo autor, Camilo Castelo Branco, destaca os equívocos causados pelo desencontro social: propor uma educação às jovens de maneira bem diferente de sua origem social. Para exemplificar, cita a personagem Custódia de *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, que troca o seu nome para Itelvina, menos gracioso e plebeu, e também o pai, que não tinha uma boa situação financeira queria que a filha aprendesse a tocar piano, a cantar e também a falar francês, atividades completamente deslocadas de sua vida cotidiana.

Quando aborda o terceiro autor, Eça de Queirós, cita *O primo Basílio*, cuja protagonista fazia leituras “perigosas” que influenciavam o seu comportamento de maneira desvirtuosa. Também *O crime do padre Amaro* e *A relíquia*, obras que refletem uma educação tipicamente portuguesa, mesmo que os protagonistas destas obras reflitam uma imagem “disforme” desta educação, evidenciado a também “pequenez portuguesa” da época.

O autor do ensaio também destaca a crítica que Eça de Queirós fazia ao modo vigente de educação em Portugal, na obra *Os Maias*: “Nem uma educação à portuguesa, nem uma educação à europeia. Parece que Eça indica a impossibilidade de construção de um projeto pedagógico para o país.” (p. 38) A conclusão do ensaio mostra que a leitura dos livros de Eça permite uma leitura fecunda sobre a questão do ensino — o que nos permite conhecer mais a fundo o Portugal oitocentista e, principalmente, compreender determinados mecanismos comportamentais, em várias camadas sociais, do mundo português.

O terceiro e último ensaio desta primeira parte faz uma abordagem no âmbito dos estudos literários e sociais — a questão da mulher nas obras literárias e, também, a mulher escritora. Trata-se de “As Linhagens do Feminismo nas Literaturas em Língua Portuguesa”, da Professora aposentada da UFSE, Maria Lúcia Dal Farra que toma como ponto de partida de sua fala duas lendas, muito lidas nos primeiros períodos dos cursos de Literatura Portuguesa, “Lenda da Dama Pé-de-Cabra”,<sup>2</sup> que casa-se com D. Diego Lopes, um senhor feudal, sob a promessa de que este nunca poderia santificar-se. Porém, numa situação inesperada este descumpriu a promessa e, como consequência, a esposa foge com os filhos para as montanhas.

A outra, “Lenda da Dona Marinha”, também fala de uma mulher, que se encontrava à margem do mar, que se casa com um senhor feudal, Dom Froiam. Porém, Dona Marinha nunca falava nada. Até que seu marido, tentando obrigá-la a emitir algum som, ameaça jogar o seu filho na fogueira — o que faz com que esta grite tão fortemente que joga pela boca um pedaço de carne, a partir de então nunca deixa de falar.

O uso de tais “alegorias” vem enfatizar os modelos de mulher que, de certa forma, recheiam obras literárias: a mulher insurrecta, que busca uma autonomia diante do modelo cultural masculino, neste caso a Dama Pé-de-Cabra; e a mulher convertida, que passa de um modelo feminino indomável para inserir-se num mundo ditado pelas normas culturais masculinas. O que vemos é que o exercício da voz e a aquisição da linguagem funcionam como um sinal negativo em relação à mulher.

A partir destas abordagens, é inserida uma terceira obra literária, *Cartas portuguesas*, que destaca uma outra presença feminina, marcada na história da Literatura Portuguesa, que parece aglutinar as duas personagens anteriormente citadas, trata-se de Mariana Alcoforado, a freira de Beja,

---

<sup>2</sup> Sobre a primeira lenda, não há uma certeza sobre sua autoria, sabe-se que foi compilada por Alexandre Herculano em HERCULANO, Alexandre, *Lendas e narrativas*, Lisboa: Bertrand, 1970, vol. 2 (Obras Completas de Alexandre Herculano. Já a segunda, por sua vez, foi retirada de MATTOSO et alli, *História e antologia da Literatura Portuguesa, séculos XIII e XIV*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

responsável por cinco cartas de amor dirigidas ao Marquês de Chamilly. (Mais uma vez o exercício da voz feminina). Surge então, a partir da análise da obra de Mariana, um novo modelo feminino literário que sintetiza, além das personagens anteriormente citadas, “[...] as tópicas da soldadeira e da religiosa das cantigas de escárnio e maldizer nessas peças a sua reatualização”.

Ao saltar para o século XX, Maria Lúcia Dal Farra refere-se à outra obra que está “imbricada” com a de Mariana Alcoforado: *Novas cartas portuguesas* (1972), de Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno, que releem as *Cartas Portuguesas* pelo viés de uma relação direta com o corpo feminino, num elogio à sensualidade e numa explícita declaração dos direitos femininos. Ainda neste século XX, agora bem no princípio, não deixa de falar de Florbela Espanca (1894-1930) e Cecília Meireles (1901-1964) e, também, de um nome ausente em vários livros de História da Literatura Portuguesa: Judith Teixeira (1880-1959), “única poetisa portuguesa modernista” que teve o seu primeiro livro recolhido e queimado, além sofrer várias adversidades críticas e moralistas acerca de sua poesia erótica.

Avançando um pouquinho mais no tempo, os nomes da poeta brasileira Adélia Prado (1935-) e da poeta angolana Paula Tavares (1952-) foram anunciados como consolidação do que foi “alicerçado” pelas anteriores autoras. A última voz feminina citada é a da lisboeta Adília Lopes (1960), que se volta mais para a linguagem: “[...] vasculhar os mecanismos internos da linguagem, a bem dizer, o de testar as relações possíveis (ou impossíveis) entre significantes, provocando-os [...]”. O ensaio anuncia, neste percurso pelo feminino, que a mulher já tem o seu lugar bem marcado no campo literário.

A segunda parte, “Olhares poéticos e narrativos sobre o século XX”, apresenta um total de dez ensaios. Destes, destacaremos alguns como o primeiro, da Professora Doutora de Literatura Portuguesa na UFRJ e UFG, Luci Ruas Pereira, que faz uma abordagem sobre morte, sobre os limites entre literatura e biografia em *De Profundis, valsa lenta*, de José Cardoso Pires. A autora afirma que “*De Profundis, valsa lenta* é uma espécie de texto-

depoimento, ou — não sei se seria adequado — uma narrativa autobiográfica, resultante do desejo de fixar em discurso um evento real” (p. 65).

Fernando Pessoa, como uma grande referência da Literatura Portuguesa no século XX foi também apresentado no trabalho “Quatro Personas num Único Poema”, onde foram levantadas características afins dos heterônimos em distintos poemas, um perceber de ecos de um no outro. Também, análises sobre ver e não ver, ou que se vê quando não se enxerga foram feitas em “Os Ensaios de José Saramago”, outra grande referência da Literatura Portuguesa, quando duas obras são analisadas — *Ensaio sobre a cegueira* e *Ensaio sobre a lucidez*. Os ensaios de Saramago oferecem instrumentos para a reflexão sob as vertentes do ver e do não ver num âmbito político e social — ver é engajar-se no mundo das ideias e do conhecimento.

O tema da memória é abordado a partir do conto “O viúvo”, de David Mourão-Ferreira (1927-1996), no estudo “No Reino da Memória”, no qual o fio da memória é reconstruído no duplo aspecto de dispersão e fixidez, pois recupera fatos, impressões e sentimentos que somente são retomados porque encontram-se “em ausência”(neste caso o protagonista é um viúvo que sente a falta do outro que está ausente). O conto também destaca outros pontos angustiantes para o homem, como a morte, o amor e a perda. Pontos refletidos e “vivididos” pelo “fio” da memória.

“Olhares sobre o feminino” é a temática da terceira parte. O primeiro ensaio, “A concepção do feminino e a alteridade de um mundo novo”, parte de uma pesquisa da Professora Doutora de Literatura Portuguesa na Universidade Católica, Olímpia Ribeiro de Santana, mostra os primeiros olhares sobre a mulher, no Brasil colonial. O retrato narrado em crônicas apresenta diferenças culturais, uma vez que a mulher nestas descritas está colocada à margem por vários motivos: pela sua cor, pela sua condição social e, também, pela maneira de se vestir — que discrepa da maneira europeia. Tudo isso resulta num discurso marcado por discriminação e poder. Já em “As tecelãs de Palavras: Concerto Lusitano a Três vozes”, do poeta e Mestre em Literatura e Diversidade Cultural Adriano Eysen Rego, encontramos uma leitura de *Novas cartas*

*portuguesas*, uma obra de significativa importância no que diz respeito à escrita feminina em Portugal, na qual “[...] os questionamentos e as inquietações das narradoras ao tratarem das imagens femininas ora fragilizadas, ora decididas a transpor uma ordem milenar de valores, possibilitaram, assim, o deslocamento do sujeito feminino da periferia para o centro das discussões”.

Mariana Alcoforado, a freira de Beja, que é hoje uma representação do princípio do processo identitário feminino português, é lida sob a ótica da religião, das regras e do entorno social em “Religião e Perversão nos Escritos de Sórora Mariana Alcoforado”, texto que aborda as regras da Ordem Beneditina, que, a partir do século VI, passaram a vigorar em todos os mosteiros católicos europeus, o que atinge a protagonistas de *Cartas portuguesas*, hoje considerada um mito nacional. Outra representante da escrita feminina portuguesa, Florbela Espanca, é apresentada em “A Obra de Florbela Espanca à Luz da Estética da Recepção”, da mestranda em Letras Clêuma de Carvalho Magalhães, cujo texto mostra algumas afirmações sobre a célebre escritora portuguesa, como por exemplo que “[...] na época em que foi inicialmente publicada, [...] a poesia dessa autora apresenta uma distância estática em relação ao horizonte de expectativas do público português das primeiras décadas do século XX” (p. 199), o que comprova o caráter renovador em relação à estética vigente.

A presença dos estudos comparativos entre a Literatura Brasileira e a Literatura Portuguesa inscreve-se na quarta parte do livro, “Olhares dos Nortes para Portugal”. O primeiro estudo: “Jorge Amado, Dona Flor e Portugal”, do Professor Doutor em Literatura Brasileira na UEFS e na UCSal, faz uma abordagem sobre a recepção das obras de Jorge Amado, tanto em terras brasileiras, como em lusitanas — destacando o contexto sócio-político e cultural de ambos países: anos 1930 aos 1960, período em que a ditadura no Brasil, sob o governo de Getúlio Vargas, está no seu período “[...] mais cruento [...]” (p. 215) no que diz respeito à censura, tendo mesmo livros apreendidos e queimados e, também, no que diz respeito à perseguição aos comunistas.

Também, em Portugal, a ditadura do Estado Novo, tendo à frente o Chefe do Estado António de Oliveira Salazar, não deixava a desejar no que diz respeito à censura e cuidados para a manutenção da ordem. Durante muito tempo os livros de Jorge Amado foram proibidos nas terras lusitanas, somente a partir de 1962 as suas obras começaram a ser liberadas no regime salazarista — a princípio em antologias de contos e depois seus livros já premiados no Brasil. O estudo destaca a recepção crítica da obra do autor em Lisboa e também a recepção da pessoa de Jorge Amado e sua família com intelectuais e artistas portugueses. Destaca também o valor da “conexão” que o autor baiano fez entre Brasil e Portugal — destacando a paisagem/cultura brasileira/baiana no exterior. Como diz o estudioso: “Constato, na oportunidade, a importância da obra de Jorge Amado na construção de imagens da baianidade e o papel desempenhado por estas imagens no exterior” (p. 220).

O artigo seguinte, “*Memórias de Branca Dias*, de Miguel Real, e *O santo inquérito*, de Dias Gomes: duas faces do mesmo mito”, cuja autora é a mestranda em Literatura e Diversidade Cultural, Patrícia Conceição Borges Franca Fialho Cerqueira, busca a reflexão sobre a condição do homem no mundo. O ponto de partida é a análise da personagem do primeiro livro em manter a identidade e a memória judaica para os seus descendentes — o que era um pouco difícil de praticar, diante da hegemonia cristã e da imposição da conversão ao cristianismo no Brasil. Ao comparar a primeira obra com *Santo inquérito*, de Dias Gomes, a estudiosa consegue perceber a retomada mítica da primeira história, no sentido de busca de uma “verdade humana”, para responder os anseios de Dias Gomes “[...] de lutar por justiça”; assim, a personagem passa a ter características do herói clássico: “virtude, pureza, abnegação e, acima de tudo, dignidade; sem perder, contudo, sua humanidade” (p. 230).

Numa outra análise comparativa, veremos dois cânones literários: Guimarães Rosa e José Saramago, ou melhor dizendo, as obras *Todos os nomes* e *Grande Sertão: Veredas*. “A experimentação linguística e as estratégias narrativas inovadoras”, da mestranda em Literatura e Diversidade

Cultural, Vigna Nunes Lima, presentes nas obras em epígrafe exigem do leitor uma leitura aguçada para a construção de sentidos destes textos. Os textos permitem um diálogo no que diz respeito à forma, à estratégia narrativa e linguagem utilizadas: “ambos redimensionam o conceito de arte e de narrar e da própria linguagem para dar vazão à complexidade do ser diante do mundo”. Na quinta parte do livro, sob o título “Olhares oitocentistas”, vamos encontrar estudos sobre as obras de Eça de Queirós: “Um herói em desassossego: uma leitura do conto “A perfeição de Eça de Queirós”, de Alana de Oliveira Freitas El Fahl, Doutoranda em Literatura Portuguesa, em que a intertextualidade com *Odisseia* é feita, realçando a figura do herói ávido pelo retorno, também entrelaçando com o texto de Luis de Camões — *Os Lusíadas*, não deixando de colocar como pano de fundo a história do país, nesse momento em crise. O tema da viagem é retomado no texto “Diálogos Intratextuais e Paródicos em Narrativas Queirosianas”, da mestranda em Literatura e Diversidade Cultural, Rosana carvalho da Silva, onde é analisada a presença de um entrelaçamento temático da viagem ao Oriente, em obras distintas *A relíquia* e *O Egito*.

Também Camilo Castelo Branco é inserido nesta parte oitocentista. Um retrato da sociedade portuguesa é evidenciado em “O Portugal Camiliano: um mundo imerso nas relações de trabalho e dinheiro”, da estudante de Letras, Ana Luísa Patrício Campos de Oliveira, que toma como referência principal a obra *Onde está a felicidade?* Em outro texto, “Os brilhantes do Brasileiro: o narrador camiliano como crítico social” da também estudante de Letras, Juliana Yokoo Garcia, vamos ter uma outra faceta do escritor português — a de crítico social e de costumes.

Em se tratando de Literatura Portuguesa não se pode deixar de abordar a sua grande “matriz”: a literatura medieval. Assim temos na sexta e última parte deste livro o título “Olhares para o Portugal Medieval e Clássico”, o primeiro ensaio, “O Saco da Humanidade: Poesia, Fé e Fruta-pão nas Alegorias Portuguesas”, cuja autora, a Professora Doutora de Literatura Portuguesa da UFPI, Maria do Socorro Fernandes de carvalho, faz uma análise de uma cantiga de Jerônimo Baía, (1620/30-1688), na qual o tema do sacramento cristão é

abordado. Também o Tratado *da amizade e das qualidades do amigo* é estudando sob o foco da amizade propriamente dita — ou sobre o que se deseja de um amigo. Um percurso histórico, iniciado pelos filósofos gregos, foi o fio condutor para a análise desse Tratado.

Seguramente, *Novos nortes para a literatura portuguesa* é uma boa referência para quem quer ter uma iniciação nos estudos de Literatura e Cultura Portuguesa, além de ser um “auxiliar” para os professores universitários, no que diz respeito a uma organização histórica e temática desta disciplina, na esfera acadêmica.

---

Resenha recebida em 01/09/2009 e publicada em 13/04/2010.